



Veículo: Diário do Pará		
Data: 26/04/2018	Caderno: Você	Página: 01
Assunto: Misoginia		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Misoginia literária?

Pesquisadoras da UFPA e escritoras questionam falta de representatividade e preconceito na Feira-Pan Amazônica do Livro

As vozes não incluídas na programação da Feira Pan-Amazônica do Livro mais uma vez se fizeram presentes nas críticas que antecedem sua realização. A ausência de mulheres, em especial autoras negras e indígenas, na programação principal da 22ª edição do evento, que ocorre de 26 de maio a 6 de junho, em Belém, é um dos questionamentos. Mas os protestos começaram logo depois da divulgação do cartaz do Salão do Livro em Marabá, um dos braços do evento literário, que será aberto amanhã.

A peça, com a imagem de uma mulher negra equilibrando livros sobre a cabeça, para a Secretaria de Estado de Cultura (Secult), realizadora do evento, era uma referência às palenqueras, mu-

lheres que tradicionalmente usam roupas multicoloridas com bacias de frutas encimando as cabeças, na Colômbia, país homenageado desta edição. Para muitos, a imagem foi repudiada como machista, racista e com discurso colonizador. Diante da repercussão muito negativa, a Secult, mesmo declaradamente a contragosto, decidiu substituir a peça por outra, com uma imagem do artista plástico colombiano Fernando Botero, o que não foi suficiente para diminuir o tom das críticas.

O Grupo de Estudo e Pesquisa Eneida de Moraes (Gepem), da UFPA, com mais de 20 anos de estudos sobre questões de gênero e formado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimen-

to, se pronunciou com uma nota de repúdio pedindo que os realizadores reflitam sobre as imagens que divulgam e não apenas ignorem o debate ao fazer uma substituição. “O referido cartaz relaciona-se com essa história de sujeição e luta, ao retratar a mulher negra colombiana e latino-americana como alguém que simplesmente carrega livros, mas não os elabora e escreve. Desse modo, reproduz um imaginário patriarcal e racista, que não valoriza a mulher como produtora do conhecimento”, pontua a nota.

O grupo também rebate os argumentos da Secult, divulgados em nota oficial, de que a imagem teria sido in-



compreendida pelas pessoas e retirada de seu contexto. “Na tentativa de representar a diversidade da cultura colombiana, (a imagem) acabou por reproduzir a lógica da colonialidade que subalterniza a mulher negra latino-americana”, diz a nota de repúdio do Gepem, afirmando que a Secult ignorou a história de luta e resistência das palenqueras contra a escravidão, o colonialismo, o racismo e o patriarcado.